

# ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL COLÔNIA E IMPÉRIO

## Prova 2 • Turmas A e C

### 1. Formas Urbanas e Arquitetura Cívica (1,0)

- Esquematize a inserção urbana de uma igreja de ordem terceira em Ouro Preto.

### 2. Formação de Territórios em Minas Gerais (2,0)

A respeito da cidade de Mariana, Cláudia Damasceno Fonseca afirma que:

O processo inicial de formação desta cidade foi semelhante ao de outros núcleos mineradores, apresentando os elementos já bastante evidenciados em diversos trabalhos sobre as cidades coloniais mineiras [...] Após a criação da Vila de Nossa Senhora do Carmo (1711) a transferência da matriz foi oficializada pelo rei e a partir deste momento os dois núcleos primitivos que formavam o « arraial de cima » [...] foram relegados a um segundo plano, com a progressiva concentração das instituições e dos serviços no « arraial de baixo ».<sup>1</sup>

- Esquematize e descreva a implantação no sítio físico, o traçado urbano e a implantação das edificações cívicas num típico arraial de mineração tal como o “arraial de cima” de Mariana, apontando as diferenças com respeito ao paradigma urbanístico do “arraial de baixo”.

### 3. Transformações Urbanas e Territoriais (2,0)

Segundo Renata Klautau Malcher de Araújo:

Pode dizer-se que a principal lição das disputas territoriais com os espanhóis foi o surgimento de um novo conceito do território. Conceito este em que se confirmava a posse da terra que não mais se baseasse numa suposição de domínio político mas que se concretizasse de facto pelo poder de intervenção. E era evidente que tal poder precisava estar fundamentado em duas vertentes que se

<sup>1</sup> FONSECA, Cláudia Damasceno. Agentes e Contextos das Intervenções Urbanísticas nas Minas Gerais do século XVIII. *Oceanos*, n. 41, A Construção do Brasil Urbano. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, jan./mar. 2000, p. 94-95.

mostravam incontornáveis: o conhecimento concreto da região e a aliança com os seus habitantes naturais.<sup>2</sup>

- Esquematize a planta de um aldeamento indígena pombalino. Explique, com base no artigo de Renata Araújo, a relevância do Diretório dos Índios (1758) para a política urbanizadora e territorial de Pombal.

#### 4. Goiás (2,0)

Gustavo Neiva Coelho afirma, acerca da cultura arquitetônica de Goiás no século XVIII, que:

No geral, as construções desse período [...] são desprovidas de qualquer sentido de erudição, demonstrando a influência popular em todos os sentidos [...]<sup>3</sup>

- Explique como o processo de formação e o aspecto do Palácio do Conde dos Arcos, em Vila Boa de Goiás, correspondem a essa ausência de “qualquer sentido de erudição”.

#### 5. Neoclassicismo (2,0)

Ao tratar da Missão Artística Francesa, Gonzaga Duque lamenta que:

A colônia Lebreton concorreu, involuntariamente, para retirar da nossa arte a feição nativa e a originalidade. [...] Com o ensinamento da colônia desapareceram os nossos coloristas e os paisagistas que a pouco e pouco se manifestavam para dar lugar a uma geração de artistas mais instruídos talvez, porém menos habilidosos.<sup>4</sup>

- Com base no texto de Carlos Lemos O neoclássico e o ecletismo, no livro *Arquitetura brasileira*, explique os aspectos arquitetônicos e urbanísticos que concorrem com a posição de Gonzaga Duque, que enfatiza as artes plásticas.

#### 6. Café (1,0)

- Esquematize a planta das áreas edificadas numa fazenda de café da primeira metade do século XIX, nomeando seus espaços, edificações, e características gerais.

<sup>2</sup> ARAÚJO, Renata. A Razão na Selva: Pombal e a reforma urbana na Amazônia. *Camões Revista de Letras e Cultura Lusófonas*. Lisboa, Instituto Camões, n. 15-16, jan./jun. 2003, p. 156.

<sup>3</sup> NEIVA COELHO, Gustavo. *Arquitetura da mineração em Goiás*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2007, p. 19.

<sup>4</sup> GONZAGA DUQUE ESTRADA, Luiz. *A arte brasileira*. Campinas: Mercado de Letras, 1995, p. 257–258.

# ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL COLÔNIA E IMPÉRIO

## Prova 2 • Turma B

### 1. Formas Urbanas e Arquitetura Cívica (1,0)

- Esquematize a inserção urbana de uma igreja franciscana dos séculos XVII e XVIII no Nordeste.

### 2. Formação de Territórios em Minas Gerais (2,0)

A respeito da cidade de Mariana, Cláudia Damasceno Fonseca afirma que:

O processo inicial de formação desta cidade foi semelhante ao de outros núcleos mineradores, apresentando os elementos já bastante evidenciados em diversos trabalhos sobre as cidades coloniais mineiras [...] Após a criação da Vila de Nossa Senhora do Carmo (1711) a transferência da matriz foi oficializada pelo rei e a partir deste momento os dois núcleos primitivos que formavam o « arraial de cima » [...] foram relegados a um segundo plano, com a progressiva concentração das instituições e dos serviços no « arraial de baixo ».<sup>1</sup>

- Descreva as características do traçado urbano e da implantação das edificações cívicas do “arraial de baixo” de Mariana e aponte as diferenças com respeito ao paradigma urbanístico do “arraial de cima”.

### 3. Transformações Urbanas e Territoriais (2,0)

Segundo Renata Klautau Malcher de Araújo:

Pode dizer-se que a principal lição das disputas territoriais com os espanhóis foi o surgimento de um novo conceito do território. Conceito este em que se confirmava a posse da terra que não mais se baseasse numa suposição de domínio político mas que se concretizasse de facto pelo poder de intervenção. E era evidente que tal poder precisava estar fundamentado em duas vertentes que se

<sup>1</sup> FONSECA, Cláudia Damasceno. Agentes e Contextos das Intervenções Urbanísticas nas Minas Gerais do século XVIII. *Oceanos*, n. 41, A Construção do Brasil Urbano. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, jan./mar. 2000, p. 94–95.

mostravam incontornáveis: o conhecimento concreto da região e a aliança com os seus habitantes naturais.<sup>2</sup>

- Esquematize duas variantes de traçado urbano de um povoado planejado da segunda metade do século XVIII (não considerar fortificações). Exponha sucintamente outro contexto político-geográfico, além daquele tratado no artigo de Renata Araújo, em que se deu uma política urbanizadora na colônia luso-brasileira, na segunda metade do século XVIII.

#### 4. Goiás (2,0)

Gustavo Neiva Coelho afirma, acerca da cultura arquitetônica de Goiás no século XVIII, que:

No geral, as construções desse período [...] são desprovidas de qualquer sentido de erudição, demonstrando a influência popular em todos os sentidos [...]<sup>3</sup>

- Explique as semelhanças e diferenças de planta, sistema construtivo e decoração entre uma igreja mineira como a da Ordem Terceira de São Francisco de Assis de Ouro Preto e uma igreja goiana como a Matriz de Nossa Senhora do Rosário de Pirenópolis.

#### 5. Neoclassicismo (2,0)

Ao tratar da Missão Artística Francesa, Gonzaga Duque lamenta que:

A colônia Lebreton concorreu, involuntariamente, para retirar da nossa arte a feição nativa e a originalidade. [...] Com o ensinamento da colônia desapareceram os nossos coloristas e os paisagistas que a pouco e pouco se manifestavam para dar lugar a uma geração de artistas mais instruídos talvez, porém menos habilidosos.<sup>4</sup>

- Exponha o ponto de vista contrário, capitaneado por Adolfo Morales de los Ríos Filho no livro *Grandjean de Montigny e a evolução da arte brasileira*.

#### 6. Café (1,0)

- Desenhe um mapa esquemático do processo de difusão da cultura do café até meados do século XIX, apontando os condicionantes de sítio físico e de infraestrutura de escoamento da produção, bem como as soluções adotadas para superá-los.

<sup>2</sup> ARAÚJO, Renata. A Razão na Selva: Pombal e a reforma urbana na Amazônia. *Camões Revista de Letras e Cultura Lusófonas*. Lisboa, Instituto Camões, n. 15-16, jan./jun. 2003, p. 156.

<sup>3</sup> NEIVA COELHO, Gustavo. *Arquitetura da mineração em Goiás*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2007, p. 19.

<sup>4</sup> GONZAGA DUQUE ESTRADA, Luiz. *A arte brasileira*. Campinas: Mercado de Letras, 1995, p. 257-258.

# ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL COLÔNIA E IMPÉRIO

## Prova 2 • Turma D

### 1. Formas Urbanas e Arquitetura Cívica (1,0)

- Esquematize a inserção urbana de uma igreja num aldeamento pombalino.

### 2. Formação de Territórios em Minas Gerais (2,0)

A respeito da cidade de Mariana, Cláudia Damasceno Fonseca afirma que:

Sendo informado sobre o estado lastimável em que se encontrava a povoação, o rei determinou que uma nova cidade seria construída, ordenando ao governador Gomes Freire de Andrade que se fizesse « planta e arruamentos das ruas que de novo se devem fazer em sítio livre das inundações do rio ». <sup>1</sup>

- Descreva as características de traçado urbano do “novo arruamento” determinado para Mariana e explique as dificuldades e limitações em que incorre a sua efetiva implantação.

### 3. Transformações Urbanas e Territoriais (2,0)

Segundo Renata Klautau Malcher de Araújo:

Pode dizer-se que a principal lição das disputas territoriais com os espanhóis foi o surgimento de um novo conceito do território. Conceito este em que se se confirmava a posse da terra que não mais se baseasse numa suposição de domínio político mas que se concretizasse de facto pelo poder de intervenção. E era evidente que tal poder precisava estar fundamentado em duas vertentes que se mostravam incontornáveis: o conhecimento concreto da região e a aliança com os seus habitantes naturais. <sup>2</sup>

- Indique, num mapa esquemático, as fronteiras definidas pelo Tratado de Madri (1750) e as áreas em que houve significativa fundação de povoados ou elevação destes a vilas na época pombalina. Explique esse processo com base no artigo de Renata Araújo.

<sup>1</sup> FONSECA, Cláudia Damasceno. Agentes e Contextos das Intervenções Urbanísticas nas Minas Gerais do século XVIII. *Oceanos*, n. 41, A Construção do Brasil Urbano. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, jan./mar. 2000, p. 95.

<sup>2</sup> ARAÚJO, Renata. A Razão na Selva: Pombal e a reforma urbana na Amazônia. *Camões Revista de Letras e Cultura Lusófonas*. Lisboa, Instituto Camões, n. 15-16, jan./jun. 2003, p. 156.

#### 4. Goiás (2,0)

Gustavo Neiva Coelho afirma, acerca da cultura arquitetônica de Goiás no século XVIII, que:

No geral, as construções desse período [...] são desprovidas de qualquer sentido de erudição, demonstrando a influência popular em todos os sentidos [...]<sup>3</sup>

- Esquematize três partidos comuns de igrejas goianas do século XVIII, explicando em quais aspectos (projetuais e construtivos) elas diferem das igrejas mineiras do mesmo período.

#### 5. Neoclassicismo (2,0)

Ao tratar da Missão Artística Francesa, Gonzaga Duque lamenta que:

A colônia Lebreton concorreu, involuntariamente, para retirar da nossa arte a feição nativa e a originalidade. [...] Com o ensinamento da colônia desapareceram os nossos coloristas e os paisagistas que a pouco e pouco se manifestavam para dar lugar a uma geração de artistas mais instruídos talvez, porém menos habilidosos.<sup>4</sup>

- Em que pese a crítica estética formulada por Gonzaga Duque, a presença de uma colônia de artistas europeus no Rio de Janeiro durante a primeira metade do século XIX teve um papel político e educativo. Explique esses aspectos.

#### 6. Café (1,0)

- Aponte as diferenças entre as sociedades organizadas em torno do engenho de açúcar do século XVII e da fazenda de café do século XIX, no tocante às relações de trabalho e aos vínculos do estabelecimento rural com o mundo urbano.

<sup>3</sup> NEIVA COELHO, Gustavo. *Arquitetura da mineração em Goiás*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2007, p. 19.

<sup>4</sup> GONZAGA DUQUE ESTRADA, Luiz. *A arte brasileira*. Campinas: Mercado de Letras, 1995, p. 257–258.